

MATRIZES DO PENSAMENTO MODERNO: O CASO DA IBÉRIA RELAÇÕES ENTRE CULTURA E PODER

Aluno: Renata Rodrigues
Orientador: Paulo M. d'Avila Filho

Introdução

De acordo com Foucault [1], o discurso não é somente aquilo que se apresenta, mas ele próprio é poder e sua posse, alvo de disputa. Dessa forma, a ciência aparece como um grande instrumento de poder, na medida em que não apenas ela mesma é um discurso, como fornece as bases (regras, métodos) para a formação dos discursos sobre a realidade. Pretendo, portanto, nos limites deste trabalho, analisar o tema do eurocentrismo no campo das ciências sociais, a partir do caso ibérico. Trata-se de uma análise política da ciência, ou seja, desta como um instrumento de poder e dominação cultural.

Desenvolvimento

Um conceito central para abordar o tema do eurocentrismo nas ciências, aqui particularmente as ciências sociais, é o de *modernidade*. É central porque a partir dele os povos e culturas são divididos em dois grandes grupos: os modernos e os pré-modernos. Essa distinção é realizada de forma neutra e objetiva e, na verdade, carregada de valores.

Faz parte de todo discurso hegemônico a naturalização da própria cultura e o tratamento das demais como “tradições culturais”. Ou seja, a forma de pensar do grupo dominante não é vista como *uma possível*, mas como a forma *natural* de pensar.

A divisão de todas as sociedades humanas nestes dois grupos – modernos e pré-modernos – institucionaliza a hierarquia entre as sociedades, pois desta primeira divisão decorrem outras de igual caráter eurocêntrico, como por exemplo, desenvolvidos/subdesenvolvidos ou adiantadas/atrasadas. Edward Said afirma que a autoridade do Ocidente é dada pela construção do Oriente. A partir do momento que as ciências sociais, nascidas nestes países *centrais*, classificam as demais culturas a partir do que elas *não são* ou *não têm*, é criada uma hierarquia de culturas. O mais interessante desse processo é que os povos que são classificados como *atrasados* e *pré-modernos* assumem esta forma de pensar para si próprios, ou seja, pensam suas histórias e suas culturas nestes termos classificatórios. Werneck Vianna [2], afirma que, no Brasil, Weber é mobilizado mais para tratar das formas patológicas de acesso ao moderno do que para identificação de patologias da modernidade. Essa se torna uma característica das ciências sociais nos países *subalternos*: a análise de sua história e cultura pelo que deveriam ser ao invés de pelo que são. No mesmo sentido, Edgardo Lander [3] afirma que “em todo mundo ex-colonial, as ciências sociais serviram mais para o estabelecimentos de contrastes com a experiência histórica universal (*normal*) da experiência européia (ferramentas neste sentido de identificação de carências e deficiências que *têm* de ser superadas), que para o conhecimento dessas sociedades a partir de suas especificidades histórico-culturais” (Lander, 2005: 36).

A Ibéria

Nas análises sobre a Ibéria é possível observar a recorrência deste processo. Apesar de Portugal e Espanha localizarem-se na Europa, são tratados como um caso frustrado de desenvolvimento, como “a Europa que não deu certo”. Essa classificação, no entanto, é eurocêntrica no sentido em que deixa de observar as especificidades desses dois países,

colocando-os como sendo parte de um tronco único de desenvolvimento – o europeu. Neste sentido, até mesmo a classificação de *eurocêntrica* estaria inadequada. Isso só reafirma a heterogeneidade da história europeia, cuja visão contrária colabora na afirmação de sua hegemonia.

Nos limites deste trabalho, pretendo demonstrar como o tratamento “eurocêntrico”, no âmbito das ciências sociais, levou à classificação de uma lógica distinta de desenvolvimento como prova de atraso, de obscurantismo ou resquício do passado.

Giovanni Arrighi (apud. Barboza [4]) define *capitalismo* e *territorialismo* “como modos opostos de governo ou de lógica de poder” (Barboza, 2000: 83). De acordo com Arrighi, as formas de governo territorialistas identificam o poder ao domínio de espaços geográficos, à expansão territorial, enquanto as capitalistas o associam ao domínio de recursos escassos. É possível, ainda, realizar a distinção entre as duas como sociedades do tempo e do espaço, respectivamente. Ruben Barboza Filho [4] desenvolve a tese de que “os ibéricos se empenharam em desenvolver, ao longo de quase um milênio, uma variante civilizacional do Ocidente que tinha no espaço – metageograficamente entendido – a sua categoria básica e fundante” (Barboza, 2000:14). Barboza, dessa forma, escapa da armadilha de classificar a Ibéria como um caso frustrado do Ocidente, colocando-a como uma variante dele.

A diferença de posicionamento quanto aos valores culturais ibéricos têm conseqüências diretas no desenvolvimento das ciências sociais não só em Portugal e Espanha, como também em suas ex-colônias americanas. Os discursos desenvolvidos por esses países assumem, muitas vezes, a perspectiva hegemônica. Como exemplo deste tipo de perspectiva, podemos citar, no Brasil, Raymundo Faoro [4], que analisa o Brasil como resultante da cultura herdada de Portugal, definida como não-moderna, atrasada, concluindo a necessidade da *ruptura* para que o país se torne moderno.

Conclusão

A característica diferencial da Ibéria destacada neste trabalho, o territorialismo, é entendido por este tipo de literatura como resquício do passado, de uma tradição cultural que nega *modernizar-se*. Este tipo de discurso nega à Ibéria a possibilidade de a resistência aos valores culturais anglo-saxões ser uma opção consciente de desenvolvimento político. A defesa de tal perspectiva permite a esses países uma posição protagonista no desenvolvimento histórico, político e cultural de suas sociedades. Na perspectiva que estamos adotando na pesquisa, a posição subalterna, de “caso frustrado do Ocidente” pode ser alterada em favor de uma história própria, contada nos seus próprios termos, modificando, assim, nosso olhar “colonizado” sobre a Ibéria.

Referências

- 1 - FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 280 p.**
- 2 - VIANNA, Luiz Werneck. Weber e a interpretação do Brasil. **Net**, Rio de Janeiro, 1999, Seção Disponível em: www.artnet.com.br/gramsci Acesso em 02 jun. 2007.
- 3 - LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos.** 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005. 280 p.
- 4 - BARBOZA F., Ruben. **Tradição e Artifício – iberismo e barroco na formação americana.** 1 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000. 502 p.
- 4 - FAORO, Raymundo. **Os donos do poder – A formação do patronato brasileiro.** 3 ed. rev. São Paulo: Globo, 2001. 913 p.